



RELATÓRIO DA VISITA A COOPROAF (COOPERATIVA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR) DE MANOEL VITORINO, BAHIA¹

CERQUEIRA, Ricardo Alves; BITENCOURT, Angelica

INTRODUÇÃO

A economia solidária é uma forma de organização realizada de forma igualitária pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. Todos os sócios têm a mesma parcela de capital, seja lucro ou prejuízo, todos têm o mesmo direito de voto em decisões. Nesse sentido, com intuito de perceber na prática como funciona uma empresa solidária, a turma 6º semestre de Licenciatura em Educação do Campo fez uma visita à COPROAF, cooperativa localizada no Município Manoel Vitorino-BA.

Bialoskorski Neto (2006, p.21) comenta que o cooperativismo e as formas de cooperação são algo muito antigo na história da humanidade. Há registros sobre a cooperação e a associação solidária em tribos indígenas ou em antigas civilizações como os Babilônicos desde a Pré-História. As pessoas quando se unem, de acordo Sales (2010), produzem muito mais que a soma do que produziriam individualmente. Um grupo sempre tem força. Na vivência dos antigos feudos, quando as pessoas aquartelavam-se em torno de um senhor feudal, poderoso, possuidor de bens, dava guarita e proteção dentro seus muros, em troca de vassalagem. A convivência entre eles era, acima de tudo, garantia de sobrevivência.

As pessoas também tendem a reunir-se em torno de valores e de crenças, vivem em comunidade, formam cidades e agregam-se dentro desses grupos maiores, em outros menores, ou ainda maiores que os primeiros, buscando preservar-se e manter-se. (SANTOS, 2001).

O cooperativismo para Sales (2010) é uma forma de somar capacidade dentro de um mundo de concorrência. É uma forma de preservar a força econômica e de vida dos indivíduos de um mesmo padrão e tipo, que tenham objetivos comuns e com as mesmas dificuldades. A cooperativa quase sempre surge em momentos de dificuldades e da consciência de fragilidade do homem dentro do mundo em que atua.

Segundo Sales (2010), quase sempre quando se fala em cooperativismo se relembra a lendária experiência dos Pioneiros de Rochdale, destacando o cooperativismo como um movimento alternativo e de oposição ao capitalismo. Um dos grandes dramas do processo da Revolução Industrial foi à alienação do trabalhador em relação à sua atividade.

Ao contrário do artesão da Antiguidade ou da Idade Média, o operário moderno perdeu o controle do conjunto da produção. Passou a ser

¹ Trabalho escrito no âmbito do componente curricular Cooperação e Economia solidaria, com o docente Élcio Rizério.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

responsável por apenas uma parte do ciclo produtivo de uma mercadoria, ignorando os procedimentos técnicos envolvidos. Além disso, recebendo “salário” em troca da atividade mecânica realizada, o operário alienava o fruto de seu trabalho ao capitalista, transformando-o em mercadoria sujeita ao mercado. (VICENTINO, 2001)

Para Sales (2010), o cooperativismo foi idealizado por vários precursores, mas aconteceu de fato em 1844, como registra (REIS JÚNIOR 2006), em pleno regime de economia liberal, com a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (Rochdale Society of Equitable Pioneers), em Manchester na Inglaterra; associação que, mais tarde, seria chamada de Cooperativa.

No Brasil, como aconteceu esse processo? Primeiramente, vale lembrar que antes do Descobrimento do Brasil, viviam aqui, apenas as populações indígenas que tinham, e ainda têm, um modelo de sociedade solidária e cooperativa. Nesse modelo social, o bem-estar do indivíduo e da família se sobrepunha ao interesse econômico da produção. Um exemplo desse tipo de cooperação é o de que, em algumas tribos indígenas, a maloca era dormitório comum, a caça era participativa e a alimentação era grupal, ou seja, predominava a lei da sobrevivência; enquanto unidos e participativos entre si, e cooperando mutuamente, a tribo se mantinha e evoluía.

Em 1612, com a fundação das primeiras Reduções ou Missões Jesuíticas no Brasil, aconteceu, segundo alguns historiadores, o início da construção de organizações cooperativas de forma integral. Esse modelo teria dado um exemplo de sociedade solidária, fundamentada no trabalho coletivo, em que os interesses comunitários estavam acima dos econômicos. (MARRA, 2016, pg. 12)

Destaca Marra (2016) que somente em 1847 a nossa história oficial marca o início do movimento cooperativista no Brasil. Nessa época, o médico francês Jean Maurice Faivre, seguidor das ideias de Charles Fourier, fundou, com um grupo de europeus, nos sertões do Paraná, a colônia Tereza Cristina, organizada em bases cooperativas. A colônia não era uma cooperativa, e, sim, uma organização comunitária voltada para a produção rural que funcionava de acordo com os ideais cooperativistas.

De acordo com Marra (2016), a primeira sociedade brasileira a ter no nome a expressão “cooperativa” foi a Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, fundada em 27 de outubro de 1889. Era uma cooperativa de consumo, e seu estatuto previa a existência de um “caixa de auxílios e socorros” com o objetivo de prestar auxílios financeiros às viúvas de seus associados ou associados incapazes de trabalhar. Dois anos depois, em 1891, foi fundada uma cooperativa na cidade de Limeira, em São Paulo, e, em 1895, no Estado de Pernambuco, nascia a Cooperativa de Consumo de Camaragibe. No ano de 1902, colonos de origem alemã, incentivados pelo jesuíta Theodor Amstad, fundaram uma cooperativa de crédito rural, em Vila Império, atualmente Nova Petrópolis/RS. Hoje, denomina-se Cooperativa de Crédito de Nova Petrópolis e é a mais antiga cooperativa em atividade no país.



Diante de todas as cooperativas que foram criadas e as que estão sendo criadas surge a COOPROAF (Cooperativa de Produção e Comercialização de Produtos da Agricultura Familiar) no município de Manoel Vitorino, localizado no território de identidade Médio Rio de Contas, no estado da Bahia, nordeste brasileiro.

Segundo Marilda (2017), a Entidade foi fundada em 2007, reunindo os remanescentes dos mais diversos grupos daquele município, compondo um número de 24 pessoas, sendo 23 (vinte e três) mulheres e 01 (um) homem, mas seu reconhecimento ou melhor homologação só saiu em 2010. Bem antes de fundar, dar um formato, e instituir a cooperativa, existia um grupo de mulheres organizadas, trabalhando em cooperação na fabricação de doces originários da produção do umbu, onde muitas delas ainda hoje se encontram cooperadas, trabalhando em coletivo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Estudar o desenvolvimento socioeconômico e histórico da COOPROAF

Objetivo Específico:

- Conhecer sua origem;
- Entender como se dá a produção e comercialização de seus produtos;
- Visualizar suas instalações;

METODOLOGIA

O contexto e os participantes do relatório

O presente relatório fala sobre a visita à COOPROAF, cooperativa que está articulada com sete redes e teve sua fundação em 2004. Nesse contexto, as aulas ministradas e orientadas pelo professor Élcio Rizério, que em meio a tantas orientações e discussões, solicitou a construção de um relatório a partir da visita à Cooperativa de Produção e Comercialização de Produtos da Agricultura Familiar, no município de Manoel Vitorino na Bahia. As orientações para a escrita do relatório foram disponibilizadas pelo professor, ele também tirou dúvidas que foram surgindo no decorrer das aulas com indicações de leitura e sugestões para revisão de literatura.

Para o relatório, analisamos os textos encaminhados para o grupo, questionamentos feitos na visita, assim como os “bate papos” com algumas figuras importantes da COOPROAF.

Assim sendo, contamos com a presença de 2 (duas) figuras importantes da COOPROAF, sendo elas: Marilda e dona Ana, responsáveis pelo acompanhamento dos visitantes a cooperativa. Os envolvidos citados ficaram com trabalho de nos proporcionar diversos momentos de aprendizagem, como relatos de experiências, vivências e espaços culturais que guardam matérias importantíssimos do espaço.

Área de estudo



Foi realizada uma entrevista semiestruturada, guiada por um roteiro pré-formulado com técnicas de abordagens qualitativas e quantitativas. A pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, referem-se ao fato haver aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados. Além de crenças e valores pessoais não são consideradas fontes de influência no processo científico. (GUNTHER, 2003), pois a intenção é gerar uma compreensão a respeito de como se dá o processo do desenvolvimento socioeconômico da COOPROAF.

Neste caso, optamos pelas técnicas de coleta de dados por meio da observação, fotografias e gravações dos momentos de diálogos e da análise das falas dos envolvidos pela apresentação do espaço frequentado. Buscou-se sistematizar as literaturas de complemento do assunto descrito acima para confrontar com as falas. A visita à COOPROAF aconteceu no dia 21 de Novembro de 2017, com a turma 01 (um) do 6º semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da UFRB.

Os dados analisados e os resultados obtidos serviram de subsídio para a produção final do relatório. Na seção que segue, apresenta-se os dados analisados e os resultados obtidos. Durante a descrição das análises foram utilizados os nomes dos envolvidos pela apresentação dos diversos espaços, além de apontar as falas dos mesmos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

No início, nenhum dos cooperados tinham a noção do que realmente era uma cooperativa. Diante disso, foram muitas as críticas e as dificuldades.

É importante salientar que até 2001 os gestores públicos não davam à devida importância a cultura do umbu, embora a região Manuel Vitorino tivesse o título de capital do umbu. Naquela época, não havia nenhum trabalho visando o desenvolvimento da cadeia produtiva do umbu, deixando de oportunizar a geração de trabalho e renda para os agricultores familiares.

Em 2006, a Secretaria de Agricultura do Município começou a desenvolver um estudo para o aproveitamento do umbu na região a partir de uma parceria com a Faculdade de Ciência e Tecnologia – FTC, que elaborou um plano de estudo da cadeia produtiva do umbu.

Estimulada com os resultados obtidos, a Prefeitura firmou parcerias com o IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada) e COOPERCUC (Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos e Curaçá, Bahia). Apoiado pelo Conselho do Território Médio Rio das Contas e visando o desenvolvimento da cadeia produtiva do umbu, deu destaque para as seguintes ações: contratação do IRPAA para implantar um projeto de sustentabilidade da cadeia do umbu; incentivo ao associativismo e cooperativismo; aquisição de equipamentos voltados para beneficiamento de umbu; capacitação para a produção dos derivados do umbu.

O IRPAA foi à entidade pioneira no incremento de produtos derivados do umbu, através da fabricação de doces, geleias, sucos, polpas, dentre outras capacitações, tendo um papel preponderante



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

para o desenvolvimento da cadeia produtiva do umbu na região. Todo esse esforço e articulação no sentido de desenvolver a cadeia produtiva do umbu culminaram, em 2007, com o surgimento no município de Manoel Vitorino interior do estado na Bahia, um grupo de mulher que viu no umbu, a possibilidade de adquirir recurso para ajudar na renda de suas casas. O crescimento foi espetacular e de imediato esse grupo pensou e fundou a Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia – COOPROAF.

Em 2010, as mulheres, em parceria com a Secretaria de Educação do estado da Bahia, iniciaram seus trabalhos na cantina de uma escola, já que, na época da safra, era período de férias. Assim, foram criados espaços artesanais em cozinha de escolas para incentivar a produção de derivados do umbu; aquisição de produtos derivados do umbu para a alimentação escolar; o que fomentou a fundação da COOPROAF, além disso, apoiou a implantação de uma unidade experimental de processamento de frutas.

Após a cooperativa formada com dificuldades, relata Marilda, uma das fundadoras, houve críticas, mas foi através da entidade que ela teve oportunidade de estar no exterior representando a COOPROAF. Atualmente, são 75 cooperados e 4 unidades unidas à COOPROAF.